

Exportações estranguladas

por Celso Pinto
de Brasília

O "nó" a que chegou o setor externo da economia brasileira consumiu a maior parte da energia do grupo de 35 participantes do seminário "Repensando 82", em Brasília. O sentido das conclusões apresentadas, ou apenas das dúvidas levantadas, não fugiu a certo tom sombrio que caracterizou tanto as três palestras gerais quanto o debate nacional. Antes que isso ficasse claro no fórum ampliado, ao final da tarde, os debates em Brasília já indicavam como perspectiva bastante provável uma nova recessão, a prazo curto.

O estreitamento da margem de manobra na área externa foi lembrado pelo professor Celso Luiz Martone, coordenador dos debates em Brasília, por vários ângulos. Não há espaço para expansão das exportações a curto prazo, porque os mercados se fecharam, e isso pouco tem a ver, por exemplo, com a política cambial. Não há "nada a fazer", também, na área financeira para minorar compromissos como os 10 bilhões ou 10,5 bilhões de dólares de juros a serem pagos em 1982. Uma renegociação, na sua opinião, seria "um desastre".

Do lado das importações, pode-se talvez usar parte dos estoques acumulados de petróleo para aliviar a conta deste ano, e certamente haverá novas tentativas de apertos nas compras externas. No entanto, um dado citado por Martone coloca o limite possível a este tipo de aperto: o coeficiente de importações do País (Importações sobre Produto Interno Bruto), que chegará a 14%. Hoje está em 7%. É pequeno, portanto, o espaço disponível para novas reduções.

SEM OTIMISMO

De outro lado, as projeções da economia internacional não sustentariam grande oti-

mismo, mesmo para o próximo ano. A política norte-americana, voltada basicamente para solução de seus problemas internos, continuará empurrando parte da conta de ajuste para o resto do mundo. E a recuperação global, ao contrário do ciclo recessivo anterior, esbarrará, desta vez, no agravamento do quadro financeiro, a perspectiva de algumas renegociações importantes de dívidas externas, e nenhum horizonte de solução mais global.

A estes problemas somam-se as pressões inflacionárias de curto prazo, a certeza de nova e substantiva alta dos juros internos, uma tentativa mais efetiva de apertar a liquidez — tudo isso configurando uma forte possibilidade de volta de um quadro recessivo nos moldes do registrado no ano passado. Uma recessão, segundo Martone, ineficaz, já que o sistema global de indexação sustentou o vigor inflacionário, a despeito da queda na produção.

Martone propôs — e alguns dos participantes concordaram — como uma saída possível um acerto, antes de tudo político, que desse consistência a uma política antiinflacionária. Ela teria de passar, provavelmente, por uma rediscussão da política salarial, pelo estabelecimento de algum redutor na correção monetária e nos juros e por um autocontrole do governo, reduzindo seu déficit e os subsídios, de forma a dar credibilidade ao programa. Se isso for feito com o respaldo de uma ampla negociação política, será legítimo e pode, inclusive, evitar uma nova recessão. Se não for factível compor um programa nacional deste tipo pela via política, contudo, ainda assim, segundo Martone, há a possibilidade de que aconteça, imposto de cima para baixo.

O que ficou claro das discussões em Brasília é que a pior das alternativas para o futuro próximo é imaginar que nada seja alterado na política econômica.